

^{608 19}
S E R M A M

QVE EM AS EXEQVIAS DA SERE-
nissima Rainha nossa Senhora

^{2477 6}
D. MARIA SOFIA ISABEL
DE NEOBURG,
F E I T A S

Pela Nobre Villa de S. Amaro das Grotas do Rio de
Sergipe a 19. de Abril de 1700.

P R E G O U

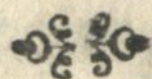
O R. P. M. Fr. A N T O N I O D A P I E D A D E,
Religioso de N. Senhora do Monte do Carmo, Doutor em a sagrada Theo-
logia, ex-Prior duas vezes do Convento de S. Maria, & ex-Vigario Provin-
cial da Vigairaria do Maranhão: Governador, Provisor, & Visitador Ge-
ral daquelle Bispado, & nelle Cômissario da Bulla da Santa Cruzada,
Diffinidor perpetuo desta Provincia da Bahia, & actualmente Misio-
nario da Aldea de Japarutuba em o Certão do Rio de São Francisco da
Praya.

O F F E R E C I D O

A Magestade d'El Rey Nosso Senhor

DOM PEDRO II.

PELA CAMERA DA DITA VILLA.



L I S B O A,

Na Real Officina dos Herdeiros de Miguel Deslandes.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1703.



SENHOR.

EOI tam grande o sentimento que occa-
sionou a triste, & infausta noticia da
morte da Serenissima Rainha N. Senho-
ra em os corações destes leaes V^{as}sallos
de V^{ra} Real Magestade, que sobrando-
lhes lagrimas para a semir. Ihes faltaõ palavras para
o encarecer. E se o affecto mais calificado só se justi-
fica quando pelas obras he conhecido; na acção pre-
sente bem alcançará V^{ra} Real Magestade, qual he o
nosso affecto, pois com ella fez esta Villa tam publico o
seu sentimento. Sirva-se a benigna, & Real clemen-
cia de V^{ra} Magestade de patrocinar esta obra, que re-
verentemente obsequiosa offerece esta Villa a seus
Reaes pès, que se não ignala ao seu argumento, he por
ser quasi inexplicavel a sua materia; pois se se con-
tessem em linguas quantas folhas ornaõ os innumera-
veis troncos de que se compoem estes matos, todas fo-
raõ poucas para encarecer as sublimes prerogativas,
& relevantes prendas de que a natureza dotou a
Serenissima Rainha N. Senhora; razão porque a nossa

pena na sua falta ainda deve ser mais excessiva. E
supposto que o Orador pela occupação em que estava,
E pela distancia tam dilatada em que vive, (que
são perto de noventa legoas do Certoão da sua Missão
à Cidade da Bahia) se achasse sem as noticias neces-
sarias, E sem os livros sufficientes para o desempe-
nho desta grandiosa empreza; com tudo antepondo ao
credito de sua pessoa o affecto de vassallo, se expoz a
toda a censura, só por não faltar em concorrer nesta
acção, em que tam empenhada se conhecia a obriga-
ção desta Villa. Toda ella deseja a V. Real Mage-
stade dilatados seculos de vida para amparo de seus
Vassallos, E conservação da Monarquia Portu-
guesa. Escrita na Villa de S. Amaro das Grotas
na Camera della aos 30. do mez de Abril do anno de
1700. Amaro Pereyra Castellaõ Escrivaõ da Ca-
mera a escrevi.

Manoel Garcia Velho.

João Gonçalves de Moura.

João Antunes.

Joseph Moreira da Rocha.

Domingos Pinto da Fenseca.



PRINCEPS PROVINCiarum

facta est sub tributo. Omnis populus ejus

gemens. Thren. cap. i.



Endo as lagrimas na opiniaõ de Agostinho (So Augustini
berana, ainda que defunta Magestade) a rheto-
rica mais eloquente de hum sentimento; & sendo
os suspiros, no sentir de Nazianzeno, a mais viva Nazianz.
demonstração de hũa pena, lagrimas haviaõ de
fer hoje as vozes, que melhor explicassem o nos-
so sentimento; suspiros haviaõ de fer neste dia os discursos, para
que cabalmente se conhecesse a nossa pena. Mas que suspiros se-
rão hoje bastantes para encarecer hũa tão grande pena? E que la-
grimas haverá que cabalmente signifiquem o nosso sentimento?
Offensa he no sentir de Seneca o sentimento, quando chega a ser Seneca,
demasiado; bem poderá ser a causa, porque submergida em suc-
cessivas tristezas a razão, embarga o discurso, para que não conhe-
ça o que sente, nem menos alcance o que padece. Tenha muito
embora lugar semelhante arbitrio naquelle sentimento, ao qual
não precede hũa justificada causa; mas quando a causa justifica o
sentimento, as demonstraçoens mais sentidas, posto que sejaõ ex-
tremos, nunca offendêraõ por demasiadas.

Que causa póde haver mayor para hum excessivo sentimen-
to, nem menos que sentimento, ainda que extremo, póde hoje
chegar a ser excessivo, quando o justifica a presente causa. Pois
nos horrores daquellas sombras, & no centro daquelle Tumulo
vemos sepultada, senão na realidade, ao menos na representação
a Serenissima Rainha nossa Senhora Dona Maria Sofia Isabel, a
cujá doce memoria devem os nossos affectos entre continuos sus-
piros eternas saudades. Oh morte rigorosa! que nova invenção
de crueldade he a tua? pois no golpe de hũa só vida executas
mundo inteiro de mortes; porque na lugubre lembrança de sua
ausência

Sermão de Exequias da Rainha

ausência em cada coração de seus vassallos fabricou a tua gadanha hũa defabrida morte; mas se pode fazer o teu imperio que aos nossos olhos nos furtasses as suas vistas, não poderás conseguir que os nossos corações deixem de a acompanhar enternecidos, porque não jáz tanto escondida na magestade desse Tumulo, como vive adorada na lealdade dos nossos corações.

Porém como poderei eu hoje articular vozes para exprimir nesta morte a nossa pena, já que por forte me coube o ser Orador della, se, como temos visto, a rhetorica, com que melhor se inculca hũa magoa, são as lagrimas, que como mudas linguas acreditão de fino o sentimento? Assim o deu a entender quem em semelhante acto, para persuadir mais activo, poz em silencio a voz, & abriu os olhos: *Tacuit, & flevit. O mira, & muta causa!* Pois he certo, que entregue a alma aos sentimentos, não lhe fica mais lugar que de chorar, & transformada aquella em tempestade de penas, de tal forte lhe apuraõ estas o racional, que passa muitas vezes a destruir-lhe o sensitivo. Por grosseira logo se deve avaliar aquella pena, que admite de safoço no discurso, pois as maiores magoas então melhor se articulaõ, quando com lagrimas melhor se encarecem.

Lá se víraõ os israelitas logobrados em hum abyssmo de tristezas, & submergidos em o procelloso pelago de seus sentimentos com a lembrança da perda de sua amada Sião, & para credito de tantas ancias trocando o elogio de suas grandezas em enternecidos suspiros, faltandolhes vozes para explicar suas magoas, sobráralhes as lagrimas para abono de tantas penas: *Super flumina Babylonis illic sedimus, & flevimus cum recordaremur Sion.* Porém mim não me admiraõ tanto as lagrimas, que vertem na perda de hum bem, que tanto amavaõ; porque raras vezes sabe dissimular o coração a dor que fere a alma, & como daquelle sejaõ as mais bem articuladas vozes as lagrimas, como disse Agostinho *Lacrymae sunt voces cordis*; só estas sabem explicar o que a alma chega a sentir, na perda do que o coração adora; porém o que mais me suspende, he o lugar que escolhêraõ para theatro de suas magoas, & para desafogo de tantas penas.

Diz o Profeta Rey, que sobre os Rios de Babylonia he que se sentáraõ a chorar: *Super flumina Babylonis illic sedimus, & flevimus.* Pode haver lugar mais improprio, nem assento mais perigoso. Ouido que não; como logo a este he que escolhem os Israelitas? Se queriaõ eternizar as suas lagrimas, mais acreditadas parece

D. Maria Sofia Isabel.

Se que ficavaõ, quando por copiosas regassem a terra, do que lançando-as em hum rio, adonde o crescido de suas correntes consumindo as, lhes podiaõ diminuir a estimação: & se com semelhante demonstração queriaõ encarecer a firmeza do seu amor, mais proprio era escolher na terra lugar, com cuja estabilidade corressem parelhas as suas firmezas, do que na agua adonde quotidianamente nos defenganão as suas inconstancias. Oh deixai, que nisto mostrarão os Israelitas o fino de seu amor, & o calificado do seu sentimento; porque nunca chegára este a ser extremo, se na inundação de tam copiosas aguas, de que se compunhão aquelles rios, os não igualára tambem a inundação de crescidas lagrimas, que em liquidas correntes vertião os seus olhos.

Apostarão aquelles coraçoens a acreditar-se de amantes, & a calificar-se de finos; & competindo igualdades com tanta porção de crystal, nem as suas correntes os excederão, nem a sua constancia os mudarão, antes emulos de immortaes memorias requintarão a sua magoa, mostrando não excederem as suas aguas, ainda que copiosas, o sobido de seu sentimento. Se já não he que sendo na opinião commua Babylonia o lugar que confusaõ, quizerão no lugar que escolherão decifrar-nos, que confusa em semelhante acto a razão com a pena, só tinham lugar as lagrimas, que se deramavão, para que fazendo o officio de linguas, publicassem na multiplicidade dellas o excessivo de tantas magoas.

E se tam grande demonstração de sentimento mereceo aos Israelitas a perda de hum bem, do qual ainda podia haver algũa esperança de se lograr; que lagrimas, que suspiros, & que sentimentos nos não merecerá hoje a perda de hũa vida, que já mais a havemos de possuir? Mas o certo he, (ó magoados, & enternecidos coraçoens!) que morreo a Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabel, porque não merecião os nossos delitos, que dilata-se o Ceo os annos de vida a hũa tam singular como excellente Rainha. He a mão de Deos deposito do coração dos Reys, como afirma Salamão: *Cor Regis in manu Domini*: & como o coração da Rainha nossa Senhora, mais que da mão, era do mesmo coração de Deos o agrado, porque assim o merecerão as suas heroicas virtudes; havendo de lhe augmentar o Ceo a vida para nossa consolação, vendo que a não mereciamos, nola roubou aos nossos olhos, para lhe communicar a visão dos seus por toda a eternidade. Assim o podemos piamente crer, porque assim o pedia a sua justificada vida.

Prov. 21.

v. 1.

Sermão de Exequias da Rainha

Ambr. in
mort Imp.
Val.
E se não ha pena, que ainda entre os rigores com que marty-
riza, lhe não fique lugar à esperança do alivio; nesta que hoje
tanto nos afflige, nesta que aos nossos corações tanto atormenta,
nos fica o alivio de que estará a sua alma gozando da Bemaven-
turança; & desta forte podemos só sentir a sua falta, mas não la-
mentar a sua pessoa, como de outra Magestade defunta, muito
anticipadamente o disse com eloquencia a santidade de Ambro-
sio. E com semelhante minorativo, que no achaque de tantas
magoas padecidas com a sua morte, nos offerece o ajustado de sua
vida, poderei começar a discorrer, já que atégora me não deu a
pena mais lugar que de sentir.

A Lapid.
Thren.
São pois as palavras que citei por thema do primeiro Capitu-
lo dos Threnos, em as quaes lamentando o Profeta Jeremias a
desolação da Cidade de Jerusaleem, nos encarece tambem os ge-
midos com que os seus moradores a ajudavaõ a sentir a sua ruina:
Princeps Provinciarum facta est sub tributo. Omnis populus ejus gemit.
Isto que no sentido literal, conforme o doutissimo a Lapidé, &
outros muitos, se entende pela ruina daquella tam celebre como
populosa Cidade de Jerusaleem, Metropoli de toda a Terra Santa;
em o sentido allegorico o devemos tomar pelo geral sentimento,
que a todo o Portugal, & a suas Conquistas tem causado a mor-
te da Serenissima Rainha nossa Senhora D. Maria Sofia Isabel;
cujo esplendor de sua antiquissima ascendencia, de tal sorte a fez
dominante em todo o mundo, que não ha Reyno, ou Provincia
em toda Europa, donde se não ache enthronizado o seu esclareci-
do sangue, conseguindo desta maneira, por dote da graça, & por
privilegio da natureza, o Augustissimo nome de Princeza de to-
dos os Reynos, & Provincias d'elle: *Princeps Provinciarum*. Inve-
stiguemos com individuação esta allegoria, que hade ser hoje o
empenho desta Oração funeral.

Vid. Bodl.
in vit. Sere-
niss. Princ.
Philip.
Wilhelm.
Contai desde o anno de novecentos, tempo em que floreceo
Carlos Magno, o primeiro que restituhio o Imperio Occidental,
& achareis que de tam excelso, & elevado throno riverão prin-
cipio as Augustissimas Casas Palatino, & Bavarica, naquelle tem-
po unidas, & ao depois por varios acontecimentos separadas; de
cujo esclarecido sangue descende por linha Paterna a Serenissima
Rainha nossa Senhora. Pela parte Materna, tem a Serenissima
Rainha nossa Senhora radicada a sua ascendencia nas esclareci-
das Casas Langraves de Hasiya, & Saxonica; & tendo seu prin-

D. Maria Sofia Isabel.

cipio a illustre Casa dos Langraves de Haffya, em os Duques Brabantinos, & a de Saxonia em Witikindo ultimo Rey de Saxonia, & florecendo ambos em tempo do mesmo Emperador Carlos Magno, já referido; vem desta maneira a correr parelhas a antiguidade de seu esclarecido sangue, tanto pela parte Paterna, como pela parte Materna.

E se bem notarmos em as historias antigas, ainda que a diuturnidade dos tempos nos consumio as noticias mais veridicas; tomando-as porêm mais atraz, desde o anno de mil duzentos & quarenta & hum, veremos, que das Serenissimas Casas Palatino, & Bavarica sahíraõ tres Emperadores, cinco Emperatrizes, tres Reys de Suecia, hum de Bohemia, hum Rey, & hũa Rainha de Hungria, hũa Rainha de França, & outra de Castella. E para que de hum mar a outro mar, de hum fim até as ultimas balizas da terra se vísse triunfante o seu dominio, nos derão estas Augustissimas Casas, a Serenissima Rainha D. Maria Sofia Isabel, filha do excelso, & sempre invicto Principe de Neoburg Philippe Wilhelmo, Conde Palatino do Rheno. Della sahíraõ tambem quatro Eleitores de Colonia, tres Eleitores de Baviera, & tres de Branderburg. Esta he a Serie Paterna, contando sómente por linha recta entre pays, filhos, & netos, tẽ o Serenissimo Pay da Rainha nossa Senhora, sem fazer caso das linhas collateraes, que fora hum nunca acabar, querer reduzir a numero os immensos rios de Familias, que destas esclarecidas Casas, como de mar, participão todos os Potentados de Europa.

Das Serenissimas Casas dos Langraves de Haffya, & Saxonica, tem sahido dous Emperadores; sendo hum delles Ludovico segundo, por sobrenome o Pacifico; o qual sendo chamado por voz de todos ao Imperio, em o anno de mil quatrocentos & quarenta, o regeitou com tanta admiracão do mundo, como gloria de sua pessoa. Vemos mais hũa Rainha de Polonia, hum Rey de Bohemia, & duas Rainhas de Dinamarca: sem fazer menção de outros muitos Principes, que com estas illustrissimas Casas contrahíraõ parentesco, que por pertencerem as linhas transverfaes, não fazemos aqui especial menção delles.

Pareceme que estou vendo em estas quatro illustrissimas, & antiquissimas Casas, hũa politica semelhança com os quatro Rios Genes. 2. v. do Paraiso; pois de tal sorte inundáraõ aquelles com as suas aguas, 10. que communicando-as liberaes por toda a terra, abrango o cri-

to Sermão de Exequias da Rainha

italino de suas correntes a toda ella; assim tambem tendo principio estas illustrissimas Casas em o ameno, & deleitoso paraíso da Germania, de tal sorte fecundárao as enchentes de seu esclarecido sangue, que abraçando as veas dos mayores Monarchas do mundo, illustrárao com seu esplendor todos os Reynos de Europa.

Diga-o a conglutinação, que entre si fizerao a Casa Palatino Bavarica com a Austriaca, pois com tam estreito laço se de- raõ as mãos por varios tempos, que fazendo sómente menção dos mais modernos, achareis, que em espaço de cento & cincoenta annos, podem contar quinze Emperadores, com vinculo tam estreito de consanguinidade, & afinidade, que para o Augustissimo Emperador Leopoldo Primeiro, que Deos guarde, celebrar as suas vodas com a Augustissima Emperatriz Leonor Magdalen- na Teresa, meritissima Irmãa da Serenissima Rainha nossa Se- nhora defunta, foraõ dispensados em terceiro, & quarto grao de consanguinidade. Publique-o Castella, que em seus Annaes con- ta seis Reys, & sete Rainhas, tendo necessidade da mesma dis- pensa para o matrimonio da Serenissima Rainha Maria Anna (que o Ceo prospere com fecunda successão para gloria, & socego da- quella Monarquia) tambem prezada Irmãa da Rainha N. Senhora. Bohemia numera onze Reys, & duas Rainhas; Húgria onze Reys, & oito Rainhas; hum Rey de Polonia, sete Emperatrizes, duas Rainhas de Portugal, quatro Rainhas de França, húa de Ingla- terra, outra de Dinamarca; de Bolonha oito, & de Napoles húa. Não abrangêraõ mais as aguas, que daquelles quatro Rios do Paraíso sahíraõ a regar toda a terra, do que inundou pelas veas de todos os Monarchas de Europa a esclarecida nobreza destas quatro illustrissimas Casas, que do Germanico Paraíso sahíraõ. E não havendo em toda a Europa Monarcha, em cujas veas não pule o sangue Palatino, como temos visto; parece que não fica im- proprio o attribuirmos à Serenissima Rainha nossa Senhora o ti- tulo de Princeza de toda ella: *Princeps Provinciarum*.

Esta pois a quem nossos olhos viraõ triunfar magestosa, tri- butandolhe grata os seus preciosos aromas a Asia, assistindolhe obsequiosa com as suas riquezas a Africa, dispendendolhe liberal as suas doçuras a America, & fervendo-a alegre com a sua amenida- de a Europa; com bem magoa dos nossos coraçoes, & com bem sentimento da mesma Europa, Africa, Asia, & America, a ve- mos

D. Maria Sofia Isabel.

11

mos rendida aos duros golpes da morte, por haver entregue nas mãos do seu dominio a propria vida: *Facta est sub tributo.*

Penção he desta mortal carreira semelhante tributo, como diz o Apostolo S. Paulo: *Statutum est hominibus semel mori*: mas parece que se executa este decreto com mayor violencia nas Magestades, pois o mesmo he caminharem para o throno, que a visinharem-se ligeiras à sepultura. Não sei qual será a razão, porque o reynar hade ser contra o viver. Quando os Judeos condenárao a Christo à morte, diz o Euangelista S. Matheus, que lhe puzerão na Cruz escrita a causa della: *Posuerunt causam ipsius scriptam*: & Matth. 27. que causa foi esta que na Cruz lhe escrevêrao? Não podia ser outra mais, que o titulo que de Rey lhe derao: *Iesus Nazarenus Rex*. E que mayor causa para Christo morrer, do que ter hũa Coroa para reynar? que parece andaõ tam visinhas da morte as Magestades, que o mesmo he chegar a reynar, que ter causa para morrer: *Posuerunt causam ipsius scriptam*: tam pouca duração trazem comfigo as Monarquias, que os mesmos avisos de reynar são defenganos para morrer.

A Adaõ entregou Deos o governo de todo o mundo: *Dominamini piscibus maris, & volatilibus cali, & universis animantibus que moventur super terram.* E quando parece que para tam vasto Imperio lhe concedia tambem Deos hũa larga duração na vida, acho que na mesma occasião que lho entrega, lhe notifica a inconstancia com que se possue, pois o ameaça com sentença de morte no mesmo ponto que comer do pomo da vida: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*; o que supposto, reparo assim. Se ainda agora constitue Deos a Adaõ Principe do Universo; se neste mesmo instante o mete de posse do governo do mundo, como já taõ depressa o ameaça com o golpe da morte: *Morte morieris*; quando ainda bem não começa a sua vida? Oh! deixai, que quiz Deos desta maneira defenganar a Adaõ, & na sua pessoa a todos os mais Monarchas da terra, que andaõ as Magestades tam visinhas da morte, que os mesmos avisos de reynar são defenganos para morrer. Seja Adaõ muito embora senhor de todo o mundo: obedeçaõlhe os peixes que habitaõ nesse cristalino campo de zafir: *Dominamini piscibus maris*: rendaõlhe vassallagem as aves: passeiaõ por essa desvanecida regiaõ dos ventos: *Et volatilibus cali*: & finalmente espõtem-no os animaes que se criaõ na caduca, ainda que dilatada, esfera da terra: *Et universis animantibus, que moventur super*

12 Sermão de Exequias da Rainha

terram: mas conheça que he tam pouco perduravel a sua vida, que quando mais ambicioso estiver de reynar, então se defengane que ha de morrer: *Morte morieris.*

Porém eu ainda aqui tenho outro reparo, & vem a fer, que se a morte em Adão foi castigo da sua culpa, como cometendo Adão a culpa, vemos que se não executa nelle o castigo? Morra Adão, já que comeo do pomo; mas que fique o pomo comido, & que Adão não fique morto? Eu o não entendo. Ora vede. Estava Adão naquelle instante acclamado, & obedecido por Monarcha universal do mundo: *Subjicite, & dominamini*; & como a estes condena o Espirito Santo à estreiteza de hũa vida breve: *Omnis potentatus vita brevis*: quiz naquelle modo de fallar mostrar-nos Deos a sua pouca duração, pois havendo de viver Adão, depois de cometer o delito, muitos annos, de tal sorte lhe unio a duração da vida à brevidade da morte, que mostrou não haver mais distancia daquelle principio a este fim, do que o breve espaço de hum só dia: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* Desta sorte defenganou Deos a Adão: & desta mesma sorte defengana o Espirito Santo a todos os mais Principes, & Monarchas do mundo, suggerindolhes tam pouca duração entre a purpura, & o tumulo, entre o reynar, & o morrer, que a mayor extensão de annos reduz ao termo de hũa vida breve: *Omnis potentatus vita brevis*: recopilando-se ao prazo de hum só dia a Monarquia mais dilatada: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.*

Se já não he, que sendo os Reys as mais expressas imagens de Deos, não só no que representaõ, senão tambem pelo que administram, devem com mayor exacção pagarlhe este mortal tributo. Em certa occasião quizerão os Fariseos tentar a Christo, perguntandolhe se deviaõ pagar o tributo a Cesar: *Magister, licet dari tributum Cesari, an non?* & pegando o Senhor em hũa moeda, na qual estava esculpida a imagem de Cesar, para arguir a sua malicia, Ihes fez primeiro esta pergunta: *Cujus est imago hæc?* De quem he esta imagem? Responderão elles que de Cesar: *Dicunt ei, Cesaris*; & deduzindo Christo como Mestre tam Sabio, das suas premissas a conclusão, tirou por infallivel, que a Cesar se desse o que era de Cesar, & que a Deos se restituísse o que de Deos era: *Reddite igitur quæ sunt Cesaris, Cesari, & quæ sunt Dei, Deo.* Desta resposta de Christo bem se deixa ver, que pela moeda ter em Cesar a imagem, não só julgou dever-se o tributo a Cesar, mas que ella

ella mesma devia dar-se a Cesar por tributo. Moeda de inestimavel valor era a Serenissima Rainha nossa Senhora, em cujas duas faces se viaõ esculpidas muito ao vivo do Soberano Cesar as imagens; pela parte exterior se deixava ver nella da Magestade a imagem; & na face de dentro a outra em tudo muy perfeita imagem, que era a pureza da vida com que vivia: pois se na sua Real pessoa melhor do que naquella moeda em que se divisava a de Cesar, estavam impressas as duas mais vivas imagens de Deos, pague com razão a Deos o tributo, a que pela razão da natureza estava obrigada, já que nella se vem esculpidas tanto ao natural de Deos as imagens.

De maneira que o dividir-se naquella moeda a imagem de Cesar, foi o pretexto que tomou Christo para mandar pagar a Cesar o tributo; & sendo que o tributo o não devia pagar a moeda, com tudo era aquella moeda o mesmo tributo de Cesar, que para isso lhe mandáraõ esculpir nella a sua imagem. Todos os viventes somos tributarios a Deos, Divino Cesar, & Emperador Soberano desta universal Monarquia; he o corpo humano hũa moeda em quem se imprime, & esculpe esta Divina imagem para desempenho deste mortal tributo; & supposto que o corpo por si não he o que deve o tributo, pois o deve a alma que o anima, como esta he immortal, fica o corpo fugeitando-se às pensoens da morte, dando-se a si mesmo por paga desse tributo; & sendo os Monarchas moedas de metal superior, em as quaes aquella Divina imagem melhor se debuxa, quem duvida que aonde ella melhor sobresahe esculpida, tambem melhor se descobre a pensão desse tributo; & tanto mais ao natural se estampa a imagem, tanto menos se pôde livrar do tributo a Magestade? Como se não apressaria a pagar o seu tributo a Rainha nossa Senhora, descobrindo-se nella tanto ao natural estampada do Divino Cesar a imagem? Façamos porẽm pauza na semelhança da imagem, que pela Magestade na parte exterior representava a Rainha nossa Senhora, & denos licença a sua modestia, para que discorramos hum pouco pela segunda imagem, que na parte interior nella se divisava, que he a pureza da vida com que vivia.

Tam ajustada aos preceitos Divinos passou a Serenissima Rainha nossa Senhora o curso desta mortal vida, que mais pareceo Religiosa, do que Rainha; se he que tem licença as Rainhas para que não vivão como Religiosas; pois como disse o Poeta, de-

vem ser os Monarchas os espelhos, em os quaes componhão os vassallos os seus defeitos. Oh como tinham todos que imitar, se se vissem neste singularissimo espelho! pois foi tam consummada em todas as virtudes esta Magestade defunta, que tendo nella todos muito que imitar, não havia nella o mais leve defeito que arguir.

Na frequencia dos Sacramentos da Penitencia, & Eucharistia, em que a piedade Catholica com todo o fervor se deve empregar, foi admiravel; pois se confessava, & communhava frequentemente, & com especialidade nas festas de Christo, & de sua Mãe Santissima. A preparação que para tam grandes actos fazia, he indizivel; a reverencia, & submissão com que os executava, maravilhosa; & para que de tam grande exemplo se aproveitasse seus vassallos, communhou muitas vezes em publico, com tanta admiração de quem a vio, que não compungia menos aos circunstantes com a sua modestia, & devoção, do que com a sua rara humildade. Todos os dias ouvia Missa, & tanta era a attenção com que a este santo sacrificio assistia, que como se fora immovel, até o fim, nem da terra, ou pavimento tirava os olhos, nem do Altar apartava os olhos; dando a entender em tam piedosas acçoens, q̃ estava muito dentro do seu coração quem tanto lhe arrebatava as potencias. Na assistencia dos Officios Divinos era tam certa a sua Real pessoa, que a nenhũa função faltou sem urgente causa; & algũas vezes, que por occasião precisa, de que se não podia escusar, se não achava a elles, desembaraçando-se della ainda a tempo, assistia todo o mais que duravão. Na Oração Mental foi tam cuidadosa, que se não passou noite, ou manhã algũa que a não tivesse; teve tanta vigilancia nas acçoens da sua vida, que em toda ella não passou hora do dia ociosa, porque aquellas que da occupação Real lhe sobravão, ou as gastava nos seus exercicios espirituales, ou em outros mais proprios de mulheres humildes, do que de hũa Rainha tam soberana; para que assim servindo ao culto Divino, fizesse ao mesmo tempo guerra ao profano. Pareceme que della poderemos affirmar com não menos propriedade, o que Philo Hebreo de Moyles, encarecendo as suas heroicas virtudes: *Stupori erat omnibus familiaribus tamquam novum naturæ miraculum.* Pois de tanta admiração servia a coua a sua Real familia este seu modo tam raro de vida, que a avaliavaõ por hum novo milagre da natureza.

Phil. Hebr.
lib. 1. de vit.
Moyl.

D. Maria Sofia Isabel.

15

E que direi daquella nunca cabalmente louvada affabilidade, & benevolencia para com seus vassallos? Senão, que imitando nisto ao Sol, a todos communicava influencia de seus beneficos raios; de tal forte que assim como o Sol, segundo os Mathematicos, se communica a todos em differentes graos conforme a altura em que vivem; assim tambem a Rainha nossa Senhora, Sol de benevolas influencias, a todos abrangia com o seu agrado, conforme a gradução de merecimento em que se achavão; tendo nisto muita semelhança com o Sol Divino; porque se este para bons, & máos diz o Euangelista S. Matheus, que nasce: *Qui Solem* Matth. 5. *suum oriri facit super bonos, & malos, super justos, & injustos:* para grãdes, & pequenos, para nobres, & plebeyos, erão tambem os raios deste humanado Sol. Não podêra a natureza, ainda quando mais empenhada, formar creatura, nem mais affavel, nem mais benigna; pois escondendo entre a Magestade hũa agradavel benevolencia, de tal forte conciliava com a sua presença o animo de todos, que o mesmo era verem-na os seus vassallos, que tributarem-lhe rendidos os seus corações obsequiosos; & melhor do que a Maximo pudéramos dizer de nossos Reis que se lhe cantarão: *Præter illam clementia tua pietatisque famam, quæ communi gentium voce celebrabatur, in ipso vultu tuo videbant omnia signa virtutum, in fronte gravitatis, in oculis lenitatis, in rubore verecundia, in sermone justitia.* Paned. ad Mar.

A liberalidade com que se ouve para com os pobres foi tam rara, que vulgarmente era intitulada por Mãy delles. Digão-nos as innumeraveis esmolas que por suas proprias mãos com elles dispendia; publiquem-nos outras que particularmente por sua ordem se davão; amparando viúvas, sustentando muitas orfãos, & casando outras; assemelhando-se nisto àquella mulher forte, de quem Salomão faz menção em os Proverbios: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem.* E sem fazermos muita violencia ao texto, bem podêra affirmar que della he que Salomão fallava; pois em nenhũa clausula a louva, que na nossa Serenissima Rainha se não descubra; mas fique por hora a accomodação aos curiosos, que ainda temos muito em que discorrer. Não menos liberal se mostrou com os pobres, do que com os Tépllos, augmentando as rendas a huns, & dando grande soma de dinheiro para que se edificassem outros; entendendo que não menos se agrada Deos da piedade, que se usa com os necessitados, do

16 Sermão de Exequias da Rainha

do que da magnanimidade com que se acode aos Templos; porque se Deos na pessoa do pobre he soccorrido, tambem Deos em os seus sagrados Templos he venerado.

Que elogios não merece a summa devoção que teve à Virgem Senhora nossa; a seu meritissimo Esposo S. Joseph, & a outros muytos Santos, & com especialidade ao Sol do Oriente o grande Thaumaturgo S. Francisco Xavier! Mas não ficou sem premio o seu fervoroso affecto para com a Virgem Santissima Mãe de Deos, & o grande desvelo com que servio aos seus Santos; pois crescendo nella cada vez mais o amor de Deos, de tal forte se afervorava na devoção, que fazia muito pelos imitar nas virtudes, como ensina Agostinho: *Ut imitari non pigeat quod celebrare delectat*: & assim veyo a alcançar pelas suas intercessões hum fim tam ditoso, que geralmente se publica ter hũa morte de predestinada. A morte dos justos chama David preciosa: *Preciosa in conspectu Domini mors Sanctorum ejus*: & tendo a Rainha nossa Senhora, pela intercessão de Maria Santissima, & dos mais Santos a quem era inclinada, hũa tam preciosa morte, como temos ouvido, piamente podemos crer, que em companhia dos Justos estará tambem a sua alma gozando da Bemaventurança. Esta he a causa, porq̃ chamou o Ecclesiastico melhor dia ao dia da morte, do que ao dia do nascimento: *Melius est dies mortis die natiuitatis*: porque se no dia do nascimento se entra em hum mundo tam perigoso, aonde a innocencia mais candida não deixa de viver arriscada; em o dia da morte, sendo boa, se começa a gozar hũa gloria, que eternamente se ha de possuir; & se pelo molde da vida se talha o semblante da morte: *Forma vivendi, forma moriendi est*: sendo a vida da Rainha nossa Senhora tam boa, como se sabe, & he notorio ao juizo de todo o mundo; não ha duvida que tambem boa havia de ser a sua morte.

Porém como não havia de ter hũa tam preciosa morte, quem para os acertos de hũa tam perfeita vida teve o mais experimentado Piloto que a guiou? Daime attenção, & ouvireis as palavras mais dignas de se esculpirem em letras de ouro, em laminas de bronze para documento da posteridade, proferidas pelo mais perfeito Principe que virão os nossos seculos. Quando a Serenissima Rainha nossa Senhora ouve de se ausentar da presença de seus Serenissimos Pays, entre os dictames, que por escrito lhe deu seu amado Pay, foi hum delles a advertencia seguinte.

D. Maria Sofia Isabel.

17

Em primeiro lugar nossa filha charíssima por toda a sua vida, não só cada dia, mas ainda sendo possível em todas as horas, terá vivo cuidado de trazer à memoria quanto deve a seu Creador, Redemptor, & Conservador, medindo esta obrigação por quantos beneficios tem recebido da liberal mão de sua Divina Magestade, & dandolhe por todos infinitos louvores, & graças. E passando-os pela lembrança fará especial reflexão sobre os da vocação ao gremio da Igreja Catholica por meyo de Pays Catholicos, & do illustre sangue, que por elles herdou, nascendo das Serenissimas Casas dos Eleitores Palatinos, & Principes Hassyacos, & de haver tido na sua aquella educação, a qual em quanto observar os preceitos da verdadeira Religião, & Fe em que nella foi instruida, lhe segurarão o premio da Gloria, & Bemaventurança eterna. Os meyo para chegar a este ditoso fim, serão depois do patrocínio da Santissima Virgem May, & da protecção do Santo Anjo da Guarda, a pureza da sua vida, que procurará seja sempre agradavel aos olhos de Deos; assistindo com diligencia, & devoção devida aos Divinos Officios; frequentando os Santos Sacramentos da Penitencia, & da sagrada Communhão; dando sempre a todos louvavel exemplo em suas acçoens; & sobre tudo alentando a esperança, & confiança em Deos, em todas as adversidades, & tribulaçoens da sua vida; porque só neste Senhor achará todo o alivio, & consolação, entendendo que nunca a ha de desamparar a sua Paternal Providencia.

Bodl. in vi-
ta ejusd.

Oh palavras merecedoras de eterna memoria! Mas oh Fè digna do melhor Abrahaõ dos nossos tempos! Porque creio Abrahaõ a Deos, bastou para dizer a Escriptura sagrada, que lhe não faltara Deos com a justiça: *Credidit Abraham Deo, & reputa- tum est illi ad justitiam*: & que justiça será esta com que Deos não podia faltar a Abrahaõ? Eu acho que não pôde ser outra mais que a coroa da Bemaventurança; assim o dá a entender o Apostolo S. Paulo: *Reposita est mihi corona justitiae*. E que coroas não alcançaria na gloria este novo Abrahaõ da Ley da Graça por hũa fé tam viva, qual era a com que cria a Deos, & cria em Deos? Bem podemos dizer delle o que Christo do Centuriaõ: *Non inveni tantam fidem in Israel*.

Genes. 15.
v. 6.

2. Ad Tim.
4. v. 8.

Matth. 8.
v. 10.

Considerai agora, & vede se ha instrucção nem mais Catholica, nem mais santa, do que esta: pois estai certos, que em nenhum destes documentos discrepou a promptissima obediencia da Rainha nossa Senhora na sua observancia, como he sabido; logo se em premio de sua observancia lhe promete, & assegura seu Serenissimo

Sermão de Exequias da Rainha

reníssimo Pay, mediante a graça Divina, o logro da Bemaventurança, piamente podemos crer, que estará a sua alma reynando entre o coro dos Bemaventurados, pois neste mundo se não afastou nunca do caminho dos Justos. E se, como diz Plinio, não pôde haver gloria mayor para os vassallos, do que terem hum Principe, no qual pelo ajustado da vida, resplandeça dos Deoses a imagem: *Quid enim prestatilius est, aut pulchrius munus deorum; quam castus, & sanctus, & diis simillimus Princeps*: que gloria, que alegria, & que contentamento não terão os Portuguezes, vendo que merecêraõ lograr hũa Rainha, que pelas suas heroicas virtudes foi hũa viva imagem do verdadeiro Deos em quem adorão?

Plin.

E já que em todas as acçoens da sua vida lhe descobrimos esta semelhança, razão será que atè no tempo da sua duração vejamos tambem nella decifrada o ajustado desta imagem. Trinta & tres forão os annos da vida de Christo; & trinta & tres forão tambem os annos, que viveo a Serenissima Rainha nossa Senhora; porque nascendo a seis de Agosto de mil seiscientos sessenta & seis, & morrendo a quatro do mesmo mez de mil seiscientos noventa & nove, faz o computo de trinta & tres annos, menos dous dias, que se os não viveo para si, viveo-os para nós; pois forão os em q̃ esteve seu Real corpo por enterrar; intervindo entre huns, & outros aquella differença sómente, que vai do Creador à creatura, & aquella improporção que medea entre a copia, & original. Madura idade para o Ceo! se bem que ainda muito verde para as esperanças da terra. Mas se nesta idade para desengano das mais, pagou o mayor Monarcha o seu tributo; que muito pagasse tambem nessa mesma idade esta Magestade defunta o seu tributo, para em tudo mostrar ser hũa expressa imagem daquelle Divino original: *Facta est sub tributo*?

Deut. 34.
v. 8.

Eclipsada pois aquella luz mais peregrina, & defunta já aquella Magestade mais amada, foi tal o sentimento que occupou o coração de seus vassallos, que chorando todos a sua morte, despediaõ do peito saudosos suspiros pela sua ausencia: *Omnis populus eius gemit*. Quando Moyfes espirou, diz o sagrado Texto, que trinta dias chorára o povo a sua morte: *Fleveruntque eum filii Israel triginta diebus*: mayores ventagens de sentimento ouve na perda da vida de Jacob, pois achando os Egypcios pouco tempo o espaço de trinta dias para desafogo de tanta pena; em setenta

que

que choráraõ a sua morte, derão bem a conhecer o seu sentimento: *Flevitque eum Aegyptus septuaginta diebus*: mas o sentimento que a esta morte devem os nossos magoados, & enternecidos corações, não se deve regular por dias, como o dos Israelitas na morte de Moyses, nem por mezes, como o dos Egypcios na perda de Jacob, mas por annos; porque sabe o affecto Portuguez desempenhar-se, sentindo com extremo a falta de hũa Rainha, a quem chegou a servir com excessõ, & a obedecer com amor. E se, como diz Oleastro, com publicas demonstraçoens se deve sentir a morte dos Principes, descontando em copiosas lagrimas seus vassallos aquelle gosto, que lhes causava a sua vida: *Publicas per* Oleastro *sonas, quales sunt Reges, publico luctu esse deplendas, ut omnes sentiant eorum defectum, qui eorum praesentia, & vita gaudebant*: sendo a Rainha nossa Senhora tam amada de seus vassallos, ainda as mais publicas demonstraçoens de sentimento não serão bastantes para encarecer na sua morte a nossa pena, porque ainda estas tambem não chegáraõ cabalmente a explicar o quanto perdemos na sua vida.

Mas suspendei, ó saudosos corações, as lagrimas dos vossos olhos; embargai desses leaes peitos os gemidos; porque já descubro remedio a vossas magoas, & já vejo alivio a vossas tristezas, pois nas pessoas dos Serenissimos Principe, & Infantes vemos renascida esta tam desejada vida. São os filhos hũa expressa representação dos Pays, & sendo a nossa vida por fatal destino caduca, renascendo esta na ditosa successão dos filhos, vem a ficar desta maneira gloriosamente eternizada nelles a vida dos mesmos Pays. Fallando Job da sua antiga felicidade, como quem ainda tinha esperanças de ver-se outra vez nella, rompe nestas palavras dizendo: *In nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies meos*. *Morrerei em o meu ninho, & multiplicarei assim como a palma os meus dias*. Por certo, que mais parecem sofisticos, que verdadeiras, estas palavras de Job: porque se os ninhos são propriamente das aves, como diz este exemplar da paciencia, como se fora ave, que tambem como ellas hade acabar em o seu ninho: *In nidulo meo*? & de mais, se elle mesmo confessa que ha de morrer: *Moriar*: como diz que ha de eternizar os seus dias: *multiplicabo dies meos*, fazendo allusivo de si proprio com a palma? Ora darme attençaõ, & logo alcançareis o mysterio. Entre todas as aves, a que fabrica o seu ninho com mysterio

10 Sermão de Exequias da Rainha

sa invenção he a Aguia; pois como escreve Horio Apolônio, toma dous paos, & fôrma delles hũa Cruz, & para mayor segurança poemlhe em cima hũa pedra: *Sublatum lapidem in suum insert nidum, quo tutior fit, ac firmior.* E sendo a Cruz hũa representação das mortificaçoens, que padecem os Justos; quiz nesta allegoria dizernos o Santo Job, que o melhor leito em que pertendia acabar, eraõ as mortificaçoens, que por amor de Deos desejava padecer; & por isso assemelhando se à Aguia, diz que havia de morrer no seu ninho: *In nidulo meo moriar.* E como a palma conservando-se na successiva producção dos filhos se faz eterna, como escreve Plinio; quiz tambem nisto insinuarnos Job, que pela successão, que ainda esperava ter, haviaõ de ser os seus dias eternos como os da mesma palma: *Sicut palma multiplicabo dies meos.*

Aguia Real foi a Serenissima Rainha nossa Senhora por nascimento; & imitando-as fabricou tambem o seu ninho para morrer, nas continuas mortificaçoens em que passou a vida, abraçando em tudo a Cruz de Christo, qual outro Job, tendo por fundamento solido, ou pedra fundamental delle, ao Serenissimo Rey, & Senhor nosso Dom Pedro o Segundo, que qual outro Pedro, a quem Deos escolheo para pedra fundamental da sua Igreja: *Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam:* o escolheo tambem a Providencia Divina para immortal fundamento do ninho desta generosa Aguia; em cuja feliz successão não só temos estabelecido o Imperio Portuguez, mas ainda vemos nella como palma incorrupta, eternizada a sua vida: *Sicut palma multiplicabo dies meos.* E se por hũa successão contingente se considerava já o Santo Job eterno, como não consideraremos nós com mais razão eternizada a Rainha nossa Senhora, deixando-nos hũa tam dilatada successão?

Perem se Job pela successão que esperava, presumia eternizar os seus dias como a palma: *Sicut palma:* pela felicissima, & Real successão da Serenissima Rainha nossa Senhora, que nos deixou, vemos gloriosamente eternizados os seus dias melhor do que na palma os de Job, pois em seus Serenissimos Filhos a veneramos como a mesma Feniz ditosamente renascida. Adonde o Tertuliano, *Sicut palma*, vertem Vatablo, Tertulliano, Rabbi Salomão, & outros, *Sicut Phoenix*, multiplicarei assim como a Feniz os meus dias. Tem a Feniz a propriedade de ser eterna, pois

das

das mesmas cinzas em que se desfaz, se fôrma a materia, de que resuscita, & por isso he unica, porque morrendo, & vivendo sempre he a mesma. Esta singularidade da Feniz, vemola gloriosamente excedida pela melhor Feniz Portugueza, porque se a Feniz em hũa só vida, que depois de morta nos offerece nas suas cinzas, conserva a denominação de eterna; esta ditosa Feniz em seis vidas, que nos deixou, resuscitadas das amorosas chamas, em que se abrazou antes da sua morte, a vimos ainda em sua vida gloriosamente eternizada.

Para a Feniz resuscitar he necessário chegar primeiro a morrer: porém esta nossa Feniz Portugueza he tam unica, que muito antes de morrer, teve a gloria de resuscitar; porque em cada hũa das vidas de seus amados filhos vemos renalcida a esta ditosa Feniz, dividendo-se em cada hum delles com tanta igualdade, & proporção as suas virtudes, que em cada hum dos Feniz vivos, temos copiada a nossa Feniz morta. Chamem-se pois com mais razão os seus dias eternos, & mais dilatados ainda que os de Job; porque se Job se contentava de que fossem semelhantes os seus aos da palma: *Sicut palma*: os da Serenissima Rainha nossa Senhora haõ de ser ventajosamente dilatados, pois haõ de ser como os da mesma Feniz eternos: *Sicut Phœnix*: porque com tanta singularidade a excedeo, que diminuindolhe a estimação de unica, soube, antes de morrer, chegar ditosamente a resuscitar.

Cessem pois os gemidos, & tenham termo os vossos lamentos, que não he justo se sinta com tanto excesso hũa vida, que tam gloriosamente soube eternizar-se em tantas vidas. Parem as lagrimas; & dêa dor lugar à razão, para que chegue a conhecer, ficando nos em os Serenissimos Principe, & Infantes, que Deos guarde, hũa viva idea de tam soberano original, não tem a nossa faulade mais que desejar, nem menos o nosso affecto mais que appetecer.

E tu, ó alma ditosa, se em vida Magestade soberana, que em doces paracismos rendestes nas mãos da morte essa tam desejada vida; dessa Celestial Esfera, aonde como brilhante Astro, sem duvida, te collocáraõ as heroicas virtudes que exercitastes nesta mortal carreira, ouve os nossos suspiros, & mereço te amorosas attençoens as nossas lagrimas; & já que para alivio das nossas faulades nos quizestes deixar as mais queridas prendas da alma, razão será que nos nossos affectos vivas immortal como a
mesma

Sermão de Exequias da Rainha

mesma Feniz; reynes feliz, como generosa Aguia; & triunfes gloriosa, como soberana Palma. Vive, reyna, & triunfa nessa Celestial morada por toda a eternidade. Amen.

L A V S D E O.

